

Director: José Manuel Fernandes

Directores-adjuntos: Nuno Pacheco e Manuel Carvalho

POL nº 5835 | Domingo, 19 de Março de 2006

Houve em tempos uma praça no Saldanha

Francisco Neves

Estudo raro sobre fluxos pedonais constata falhanço dos planos dos anos 80 de devolver a praça lisboeta às pessoas e aponta riscos que os cidadãos ali correm

Transformada em rótula de articulação de duas vias mais ou menos rápidas - as avenidas Fontes Pereira de Melo e da República -, a Praça do Duque do Saldanha já não tem o seu centro na estátua que lhe dá o nome mas num centro comercial.

Quase nada ficou das promessas, feitas pela Câmara de Lisboa nos anos 80, de devolver o Saldanha aos cidadãos, tornando o local num espaço de fruição, com passeios largos e arborizados, locais de "estar" e apreciar uma das mais desafogadas vistas da cidade.

"Após 20 anos de promessas, das quais porventura os peões já nem se lembram, a situação agora é pior do que nunca numa praça

supostamente pública", conclui um dos raros estudos sobre fluxos pedonais realizados em Portugal e este mês publicado com o patrocínio da Associação de Cidadãos Auto-Mobilizados.

Uma praça adiada, um estudo dos movimentos pedonais e dos conflitos de uso entre peões e automobilistas levado a cabo pela investigadora Hélène Frégné, foca seis situações de atravessamento da rodovia por peões, compara espaços atribuídos (ou "conquistados") a estes e às viaturas, analisa velocidades do automóvel e a temporização dos semáforos e faz o historial da praça.

"A Praça do Saldanha, apesar de ser muito frequentada por peões, tem sido quase exclusivamente organizada em torno do fluxo rodoviário. Isso revela-se naturalmente prejudicial na concretização do seu destino de praça pública", escreve.

Do chamado Projecto Saldanha, lançado em meados dos anos 80, a única coisa que mudou foram os edifícios. Foram "abandonadas sem qualquer discussão" todas as propostas que poderiam levar os cidadãos a desfrutar daquele espaço: alargamento dos passeios, redução do estacionamento à superfície, aumento da arborização, construção de um túnel rodoviário, criação de uma zona de "estar" acolhedora, abertura de arruamento entre a Fontes Pereira de Melo e a Rua Actor Taborda (em local hoje ocupado por centro comercial).

Função comercial cresceu 400 por cento

A construção na zona de três centros comerciais - a praça conheceu um acréscimo relativo de 408 por cento na sua função comercial - tornou-a um novo pólo atractivo da cidade. É diariamente percorrida por uma multidão: só o centro comercial Atrium Saldanha atrai mais de 15 mil pessoas por dia, que ali efectuam "numerosos caminhos a pé".

"Mas, apesar do grande fluxo pedonal gerado na praça, nada foi (nem está a ser) feito para melhorar as condições de circulação dos peões, para aumentar as suas possibilidades de fruição, para fazer deste espaço tão frequentado um espaço de convívio, uma praça pública", conclui Hélène Frétigné.

A autora sublinha que, dada a falta de alternativas, o centro da praça lisboeta já não é o seu centro geográfico, mas o interior do centro comercial Atrium Saldanha, apoiado pelos do Monumental e Saldanha Residence.

O projecto de há 20 anos foi "um êxito" e "um fracasso": trouxe mais gente ao Saldanha mas o local foi entregue ao automóvel, enquanto aos peões apenas restou um "espaço ridiculamente pequeno".

Como o espaço pedonal é rarefeito e disperso, sem boas ligações entre si, criaram-se naturalmente zonas informais, e perigosas, de

atravessamento da via, seja na praça seja na Fontes Pereira de Melo, nalguns casos em locais onde dantes havia passadeiras.

Ao longo dos seis meses em que a voluntária francesa estudou a praça, apercebeu-se que "os peões não conseguem contentar-se com o exíguo espaço disperso e mal organizado de que dispõem. É-lhes impossível atravessar a praça através das passadeiras sem terem que se desviar por um caminho cujo início fica sempre longínquo e que, de qualquer maneira, os obriga a percorrer uma grande distância".

O estudo defende que é necessário reforçar as ligações entre o anel pedonal exterior e o meio da praça. E propõe uma retemporização dos semáforos do sistema GERTRUDE e a supressão dos instalados na saída lateral da praça para a via descendente lateral da Av. da República.

34 atropelamentos em quatro anos

Debruçando-se sobre o respeito dos automobilistas pela sinalização luminosa, a autora comenta: "Durante o tempo que duraram as nossas observações na praça, nunca vimos nenhum condutor parar no semáforo cor de laranja".

Tudo se passa como se as avenidas da República e Fontes Pereira de Melo "fossem vias rápidas". "Depois de numerosas observações, podemos assegurar que a velocidade máxima legalmente permitida (50 km/hora) só em poucos casos é

respeitada quando a fluidez do tráfego o permite." E conta que, quando contactou com o Comando Metropolitano de Lisboa da PSP, este a informou de que "não existem estatísticas [de velocidades] sobre a zona do Saldanha".

Mas há de acidentes: entre 1999 e 2003 ocorreram ali 232 abalroamentos e 34 atropelamentos. É por causa desse comportamento dos condutores e por os túneis proporcionarem uma aceleração do trânsito motorizado que a autora se afirma contra a eventual construção de um túnel que libertaria o centro do Saldanha - a ideia é apoiada pelo actual presidente da câmara.

"Para o utente actual do Saldanha, é difícil perceber que neste nó górdio houve em tempos uma praça", com bancos e esplanadas, onde era possível a conversa e a sociabilidade.

Comentando uma fotografia do local, da década de 50 do século passado, a autora conclui: "Apreciar o sol do fim da tarde numa praça pública, em vez de ficar confinado ao refúgio artificial de um centro de compras, respirando ar condicionado e piscando os olhos sob as luzes de néon, deveria ser um direito incontestável do habitante da cidade de Lisboa".

<http://jornal.publico.clix.pt/noticias.asp?a=2006&m=03&d=19&uid=&id=69075&sid=7581>